

## COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: UMA APROXIMAÇÃO NECESSÁRIA

Claudia Maria de Cillo CARVALHO  
PUC-Campinas/Faculdade de Americana

Aldo PONTES  
Faculdade Unopec Sumaré/Faculdade  
de Americana

Isabela RUBERTI  
Universidade Paulista – UNIP/Faculdade  
Unopec Sumaré

### RESUMO

*Este artigo apresenta uma reflexão sobre a necessidade de uma alfabetização midiática de professores que lhes garanta competência para formação no ambiente escolar de cidadãos conscientes, capazes de receber as mensagens que diariamente emergem das mídias de massa com criticidade.*

**Palavras-chave:** Educação. Mídia. Cidadania.

### ABSTRACT

*This article presents a reflection about the need of an intervening literacy of the teachers that guarantees them competence of forming, in the school environment, conscious citizens that are able to receive critically the messages that daily come from mass media.*

**Key-words:** Education. Media. Citizenship.

Claudia Maria de Cillo CARVALHO *et al.*

*De um ponto de vista cultural e pedagógico, a existência dos meios audiovisuais de comunicação de massa cria uma situação totalmente inédita. (...) Os alunos já pertencem a uma civilização icônica, enquanto os professores pertencem a uma civilização pré-icônica. Daí essa situação sem precedentes na história da pedagogia: os professores precisam, senão ultrapassar, pelo menos alcançar seus alunos (Michel Tardy, 1976)*

Ao longo dos tempos, muitos foram os que se empenharam em compreender o papel da Escola na sociedade. Aventurando-nos em uma tentativa de síntese dos resultados de algumas dessas investigações, verificamos que, segundo pensadores da educação como Durkheim, Bourdieu e Gadotti, a Escola desempenhou basicamente três papéis distintos. Inicialmente fora concebida como redentora, responsável por grandes transformações individuais e sociais. Nessa concepção, “representou”, não mais que isso, a salvação da classe dominada das garras exploradoras da classe dominante; com o passar dos anos, dessa condição, passou a ser vista enquanto reprodutora das desigualdades sociais e da aceitação delas como uma espécie de predestinação; e por último, a Escola de hoje que, ao ser concebida como tão contraditória quanto o meio social em que está inserida, é capaz tanto de reproduzir quanto de transformar ao mesmo tempo (LEITE & SAMPAIO, 1999).

Na perspectiva transformadora apontada por Gadotti, a escola, que antes se limitava a abordar temas estritamente ligados às disciplinas do currículo (matemática, português, geografia, história), vê-se, agora, obrigada a abrir suas portas (salas de aula) para temas cada vez mais ligados aos interesses da comunidade, mais especificamente, de crianças, adolescentes, jovens e adultos, alunos de nossas escolas.

Essa tendência é verificada na concepção de BACEGGA (1998, p.154):

À escola compete usar computador, o vídeo, a televisão como formas de acesso crítico ao conhecimento da humanidade. Por isso podemos afirmar, sem cometer exagero: o papel primeiro da escola, de ensinar com criticidade, é retomado de maneira definitiva nesses tempos de tecnologia. À escola compete educar, ou seja, fazer com que o aluno aprenda a prender.

Dentre esses temas, aqueles veiculados sistematicamente pelas mídias de massa, na maioria das vezes sensacionalismo puro sem nenhum valor educacional, acabam se tornando os que mais despertam a curiosidade dos aprendentes. Esse dado fica evidente quando as literaturas especializadas apontam para o fato de que a tevê é muito mais importante para os brasileiros do que a geladeira.<sup>1</sup>

Comunicação e educação: uma aproximação necessária

Para exemplificar na prática a urgência dessa alfabetização midiática, algum tempo depois do fatídico 11 de setembro, lembramo-nos do relato de uma professora da Rede Municipal da periferia de Campinas (SP):

Nem bem cheguei na escola, as crianças perguntaram para mim: **“Professora, vai ter guerra?”** Enquanto eu formulava uma resposta coerente com a pergunta que me foi feita, com uma linguagem acessível a eles, fui bombardeada por uma nova questão, dessa vez vinda de uma menina de 7 anos: **“Professora, o que vai acontecer com a gente se tiver guerra?”** E continua, **“ainda bem que minha mãe vai levar a gente embora para Minas.**

Diante dessas falas nos perguntamos: Como os professores com suas excessivas horas de trabalho: 20, 30... horas/aula trabalham os assuntos emergentes das mídias de massa em suas salas de aula? E a escola, com seus tradicionais problemas do dia-a-dia, como se manifesta diante dessas questões?

Em busca de respostas, verificamos que tanto as escolas como os professores, em relação a esses temas, transitam entre a total omissão até a assídua/engajada discussão/reflexão sobre as mensagens das mídias. Por um lado, para olhos ingênuos, isso não parece tão nocivo aos nossos alunos, porém ao lançarmos um olhar mais crítico, logo compreendemos que esse fato evidencia a existência de dois tipos de escola, dois tipos de professores, dois tipos de alunos, dois tipos de educação e, conseqüentemente, a geração de dois tipos de cidadão: um que, apesar das informações nem sempre confiáveis e até mesmo desconstruídas veiculadas pelas mídias de massa, tem na escola um espaço de articulação das informações que se apropria no cotidiano e acaba aprendendo a construir uma visão mais ampla e coerente sobre os fatos, exercendo sua pluralidade enquanto cidadão. Outro, que é aviltado, limitado apenas ao acesso, e isso quando tem, às notícias-flash, muitas vezes tendenciosas, veiculadas pelas mídias de massa diariamente sem nenhuma articulação entre elas. Esse indivíduo acaba incorporando as informações descontextualizadas que recebe como verdades absolutas, o que leva à sua passividade diante das opressões da sociedade capitalista.

Aqui reside o grande desafio da educação deste novo milênio, pois, em um momento em que as mídias de massa, mais do que nunca, desempenham um papel crucial na formação dos indivíduos, a alfabetização midiática desses para a sobrevivência na Sociedade da Informação torna-se indispensável. BACEGGA (1998, p. 150) declara:

A tecnologia chegou para ficar. No campo da educação, o desafio maior é a busca da incorporação dessa tecnologia na dimensão sócio-cultural, de tal modo que se equilibrem dois pólos tão distantes entre si: o cidadão do mundo e o homem

degradado em seu meio, impossibilitado não de ver reconhecidos seus direitos, mas de saber que tem direitos. O cidadão da globalização, aquele que emerge do conhecimento pleno, e o homem aviltado, aquele que não come, não lê, não tem condições mínimas de usufruir os benefícios do mundo.

Nesse sentido, considerando os significativos avanços das tecnologias de informação e comunicação, à escola de nosso tempo compete o árduo trabalho de incorporar em suas práticas e teorias uma nova forma de ensino-aprendizagem, um processo voltado para a potencialização de competências para o uso de múltiplas linguagens que convergem, além disso, a destreza para se auto-gerenciar em situações de comunicação que constroem as novas redes telemáticas multimídia.

Existem, pois, numerosos argumentos que evidenciam a necessidade de formar professores para o trabalho com as mídias de massa na escola. Nas últimas décadas, inúmeras publicações confirmam, de uma maneira rigorosa, a importância que as mensagens das mídias estão adquirindo na configuração da cultura e nos modelos de comportamento da sociedade atual. Tomemos como exemplo as imagens que fazem parte da escola e do mundo cotidiano e que desde muito cedo invadem o imaginário infantil.

WALTI, FONSECA e CURY (2000, p. 24) confirmam essa tendência:

O recebimento da imagem, sobretudo via comunicação de massa, pode levar à alienação causada, por sua vez, pelo embotamento da sensibilidade e da capacidade reflexiva. A fragmentação dos discursos e sua proliferação conduzem à recepção acrítica do texto, que se faz objeto de consumo imediato. Ocorre, nesse sentido, uma forma de controle, pois o cidadão que se pensa livre, acha-se subordinado a uma rede de informações controladas por grupos. Mesmo que a imagem não seja virtualmente fabricada, seu uso indiscriminado é uma forma de manipulação de dados da realidade. (...) Na verdade ele pensa que controla, mas é controlado.

Hoje em dia, as imagens e informações transmitidas pela televisão configuram e condicionam gradualmente as opiniões e os gostos das pessoas de uma maneira quase inconsciente. O efeito perverso dessa situação pode advir do fato de que, segundo pesquisas realizadas no Brasil, as crianças permanecem em média 4,12 horas diárias diante da televisão; os jovens, 3,01 horas; os adultos, 3,27 horas (Grupo de Mídia, 1991). BUCCI (2002, p. 22) afirma: “A gente não se dá conta, mas as crianças que estão hoje em idade pré-escolar são alfabetizadas pelas imagens. O símbolo do MacDonal’d’s é um bom exemplo.(...) Consumir, aprendem bem cedo, é sinônimo de ser alguém e ser feliz”. Como podemos observar, diante do mundo maravilhoso do consumo da TV, o ambiente escolar

Comunicação e educação: uma aproximação necessária

torna-se para o aprendente extremamente monótono. Diante dessa situação nos questionamos: será que nossos alunos estão preparados para consumir de forma consciente essa gama de imagens recebidas diariamente?

Para LIBÂNEO (1998, p.53), o desafio aqui apontado aos educadores é o de como desenvolver com os alunos, em um futuro imediato, habilidades que lhes possibilitem qualidade de vida na sociedade da informação:

O tipo de trabalho convencional do professor está mudando em decorrência das transformações do mundo do trabalho, na tecnologia, nos meios de comunicação e informação, nos paradigmas do conhecimento, nas formas de exercício da cidadania, nos objetivos de formação geral que hoje incluem com mais força a sensibilidade, a criatividade, a solidariedade social, a qualidade de vida, o reconhecimento da diversidade cultural e das diferenças, a preservação do meio ambiente.

Apesar dos muitos encontros e desencontros, quando o assunto é a influência dos meios de comunicação nos principais setores da sociedade, em especial na educação, não temos dúvida de que os meios tiveram e têm um papel relevante na construção de novas culturas educacionais. Dessa maneira pensamos que uma alfabetização midiática dos professores abriria para a escola um novo caminho para exploração de novas temáticas, possibilitando o acesso a outros modelos de construção e reconstrução do conhecimento.

Diante do exposto, fica evidente que dentro dessa nova configuração do processo de ensino-aprendizagem e do grande desafio imposto, a formação do cidadão para o sobrevivência na sociedade da informação depende diretamente da qualidade da formação dos professores. Nessa perspectiva, para atender a esse novo enfoque, é necessária maior atenção tanto com a formação inicial dos novos educadores, quanto com a formação continuada daqueles que já estão no exercício da profissão, pois, segundo NÓVOA (2001, p.13):

Embora tenha havido uma verdadeira revolução nesse campo nos últimos vinte anos, a formação ainda deixa muito a desejar. Existe uma certa incapacidade para colocar em prática concepções e modelos inovadores. As instituições ficam fechadas em si mesmas, ora por um academicismo excessivo ora por um empirismo tradicional.

Sob essa ótica, para o desenvolvimento dessa outra alfabetização, o investimento da escola na formação continuada em serviço de seus professores poderia levá-los a descobrir múltiplas possibilidades de atividades para os diferentes ciclos educativos que a linguagem dos meios de comunicação é capaz de desencadear. Para isso, o desenvolvimento de projetos interdisciplinares seria o

caminho mais adequado. As crianças de cada ciclo poderiam ser levadas a aprender a consumir as mensagens propagadas pelas mídias de forma mais crítica e, a partir disso, com a orientação dos professores, criariam as suas próprias mensagens. Para que isso ocorra, é imprescindível que o ambiente escolar, especialmente a sala de aula, proporcione uma grande variedade de materiais e de instrumentos para que as potencialidades expressivas dos alunos possam ser despertadas, estimuladas, provocadas. Inserido em um espaço de aprendizagem com esse, o aluno não está mais reduzido a olhar, ouvir, copiar e prestar contas. Ele cria, modifica, constrói, aumenta e, assim, torna-se co-autor, já que o professor configura o conhecimento em estados potenciais (SILVA, 2000).

Em última análise, faz-se importante considerar que a dinamização de práticas que viabilizem a alfabetização midiática na escola, além de um desafio, é também uma utopia. Pois, se de um lado, a sociedade da informação ora instaurada no mundo globalizado exige um cidadão competente na articulação de informações, de outro, o próprio modelo de acumulação de nossa sociedade perpetua antigas formas de exclusão social: Cidadãos globalizados x Cidadãos aviltados (BACEGGA, 1998). De acordo com CASTELLS (1999), na era da informação, a educação é elemento de progresso e de exclusão social. Assim, diante da crescente força das mídias de massa e sua importância cultural, social, econômica e tecnológica em nossas sociedades a escola precisa abrir caminhos para essa outra alfabetização. Resistir a essa nova competência comunicativa só irá deixar a escola e seus alunos ainda mais hipnotizados e seduzidos pela alienação iconosférica. A escola, ao rejeitar os meios, está reconhecendo a sua incapacidade de entender o homem de hoje (MORAN, 1993). É preciso evitar essa alienação, promovendo uma urgente e sensata aproximação entre os meios de comunicação e a escola.

### NOTA

- <sup>(1)</sup> Segundo matéria publicada na Revista Nova Escola, junho e julho de 2002, *Da informação ao conhecimento*, 83,2% dos brasileiros têm geladeira contra 87,4% que têm televisão. Os dados são do Censo de 2000.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACEGGA, M. Ap. Educação e Tecnologia: diminuindo as distâncias. In: KUPSTAS, M. (org.). *Comunicação em Debate*. São Paulo: Moderna, 1997.

Comunicação e educação: uma aproximação necessária

- BORDENAVE, J. E. D. *Além dos meios e mensagens: Introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência*. 4ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 1987.
- FILHO, C. M. *Televisão: a vida pelo vídeo*. 13ª ed. São Paulo: Moderna, 1988.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- LIBÂNEO, J. C. *As mudanças na sociedade, a reconfiguração da profissão de professor e a emergência de novos temas na didática*. In: ENDIPE, Anais do IX ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, vol 1. Águas de Lindóia-SP, 1998.
- MORAN, J. M. *Leitura dos meios de comunicação*. São Paulo: Pancast, 1993.
- NÓVOA, A. *Professor se forma na escola*. Nova Escola, São Paulo, nº 142, p. 12-14, maio 2001. Entrevista.
- PONTES, A. P. *Alfabetização digital de educadores: Uma chave para a inclusão do cidadão no mundo digital*. In: I SEMINÁRIO DE ACESSIBILIDADE, NOVAS TECNOLOGIAS E INCLUSÃO SOCIAL, 28-29 ago. 2001. São Paulo. Caderno de Resumos; São Paulo: Faculdade de Ciências Médicas - USP, 2001.
- RUBERTI, I. *Internet e Intranet en la escuela e Televisión Educativa*. In: I CONGRESO INTERNACIONAL DE EDUCACIÓN - LA NUEVA ESCUELA EN ACCIÓN, 5,6,7 de out. de 2000. San Miguel de Tucumán. Anais; Argentina. Instituto Herman Hollerith com o aval da UNESCO, 2000.
- SAMPAIO, M. N. e LEITE, L. S. *Alfabetização tecnológica do professor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- SOARES, I. de O. *Sociedade da informação ou da comunicação?* São Paulo: Cidade Nova, 1996.
- WALTY, I. L. C. et alli. *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.